

Anexo 6



**FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO**  
**MINISTÉRIO DA JUSTIÇA**  
**ADMINISTRAÇÃO EXECUTIVA REGIONAL DE JOÃO PESSOA/PB**  
**NÚCLEO DE APOIO LOCAL DO CEARÁ**

**Ofício N.º 048/GAB/FUNAI/NAL-CE.**

**Fortaleza – CE, 10 de Março de 2008.**

**À**

**Ilm<sup>a</sup>.Sr<sup>a</sup>. VANIA LIMA ARARIPE**  
**M.D. SECRETARIA EXECUTIVA DAS CIDADES**

**Assunto: Referente ao Ofício GS 0412/2008.**

Senhora Secretária,

Cumprimentando-a, vimos através do presente informar a V.S<sup>a</sup>., que nesse municípios mencionados no Ofício n.0412 não há registro de comunidades indígenas, no entanto FUNAI declara que foi localizado um Povo Indígena (KARIRI), em São Benedito(CRATO) e que junto com o prefeito do Município vem dando apoio dentro das necessidades desse Povo Indígena Kariri.

Atenciosamente,

**PAULO FERNANDO BARBOSA DA SILVA**  
**CHEFE DO NUCLEO DE APOIO LOCAL - NAL-CE**

## Anexo 6

Olá pessoal, sou Edileusa. Os comentários de Maria Amélia da AMIT me animaram a escrever um relato sobre minha relação com os Kariri no Ceará. Este relato ficou com cara de história de vida, mas tem alguns pontos que se inter cruzam com nossa memória coletiva. Peço-lhes a generosidade de ouvinte de narrativas. Agradeço-lhes a companhia:

### INDO FUNDO NAS RAÍZES PARA FLORESCER KIXELÔ KARIRI

Edileusa Santiago do Nascimento\*

“O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. (...) Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? (...) Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Alguém na terra está à nossa espera. Nesse caso, como a cada geração, foi-nos concedido uma frágil força messiânica para a qual o passado dirige um apelo. Esse apelo não pode ser rejeitado impunemente”. (BENJAMIM, 2006: 223).

Quando dei aulas na URCA, em 2000 e 2001, registrei algumas entrevistas com moradores do horto do Juazeiro do Norte. Eles reelaboram o mito escatológico dos Kariri: “os índios taparam as fontes d’água quando foram expulsos de seu território, mas um dia o dono da terra vai voltar para se vingar: irá tirar as pedras de cima da nascente e o Cariri irá desaparecer sob as águas. Para as pessoas do Crato, a única coisa que restará será uma antiga imagem de Nossa Senhora da Penha, a mesma que permanece na matriz no centro do antigo aldeamento dos Kariri. Para os moradores do horto, todos perecerão, com exceção dos moradores do horto de meu “padim pade Ciço”. Sei que parte desta narrativa é bem conhecida, mas o que me chama atenção é que ela continua com a função de mito vivo quando atualizado no presente, dando sentido a relação dessas pessoas com um lugar tão específico e influenciando sua perspectiva de futuro.

Em 2002 até 2005 ensinei na FECLI, nesta unidade da UECE em Iguatu formei um pequeno grupo de estudo “Memória Coletiva dos Povos Originários da Região Centro Sul do Ceará”. Pena que deixei os arquivos desta pesquisa em Quixelô. Lembro-me de ter feito uma entrevista com um senhor que mora em Acopiara-Ce, nele ficou marcado as lembranças transmitidas por sua avó sobre um grande encontro dos índios antigos, no leito de um rio que secara, para fazerem um acordo de paz entre as diferentes tribos e se unirem. Desconfio que este encontro tem relação com a Confederação dos Kariri, mas, infelizmente, não pude avançar nesta hipótese porque ele só preservou fragmentos de uma

## Anexo 6

memória coletiva sobre este acontecimento importante para os diferentes povos indígenas que habitavam a região Centro-Sul do Estado do Ceará. Também encontrei um outro homem em Acopiara, que migrou da região do Cariri. Este homem se reconhece como descendente dos Kariri e realiza um lindo trabalho da memória sobre o modo de vida de seus antepassados, inclusive, ele próprio sabe fabricar um pequeno arco e flecha para caçar animais como preá. Tenho entrevistas gravadas com estas duas pessoas, mas as fitas também estão com minha família em Quixelô.

Em 2002, fui com minha mãe e meu amigo Pablo Assumpção de Barros Costa (que escreveu um belo livro sobre os irmãos Anicetos e atualmente faz doutorado nos Estados Unidos) visitar uma pedra encantada próxima ao distrito de Santo Antonio, no município de Acopiara. Aquela comunidade se relaciona com este encanto como um mistério que os provocam a pensarem sem se fecharem em uma explicação definitiva sobre os fenômenos que ali se manifestam. É possível que eu tenha ainda entrevistas gravadas com algumas pessoas da referida comunidade.

Minha tia Aurea, que mora em São Paulo, me revelou coisas sobre meu bisavô materno, um índio Kixelô. Quando retornar ao meu lugar de origem (Quixelô) irei cavar para descobrir mais nossas raízes indígenas. Uma parenta, que mora em Quixelô, lembra que sua tataravó ajudou na construção da igreja do Bom Jesus Piedoso dos Kixelô. Esta igreja desapareceu, restando apenas uma porta feita por nossos antepassados. Esta porta se encontra na casa paroquial de Quixelô. Esta nossa parenta foi louceira por muitos anos, ela pinta os objetos com pigmentos minerais, assim como alguns Tremembé. Ela é incrível e realiza um trabalho da memória que revela acontecimentos sobre as grandes secas, as migrações e os campos de concentração para "flagelados das secas".

Minha irmã, Edileuda Santiago do Nascimento, é formada em Pedagogia e em História, e realizou entrevistas com ela. Seu trabalho final no curso de História foi sobre a festa de São Francisco em Quixelô e a relação com a memória sobre os índios Kixelô. É um bonito trabalho. Ela também é professora substituta do Estado, no distrito de Umari (Acopiara-Ce). Ano passado fez um trabalho de pesquisa de História Oral com os alunos do ensino médio. Eles visitaram uma gruta que guarda uma princesa encantada. Um rezador da comunidade revelou na entrevista que no tempo antigo ali se fazia pajelança.

Em Iguatu soube de uma pedra chamada itapuara, disseram-me que este lugar é um sítio arqueológico e, antes de ser depredada pela família do atual prefeito do município, podíamos encontrar inscrições rupestres.

## Anexo 6

Atualmente, a memória sobre este lugar se transfigura em uma anedota: dizem que o nome Itapuara advém do fato de ela ser lugar de encontro das antigas “puaras” com seus amantes. Para além ou aquém do preconceito, isto nos faz pensar sobre o significado do termo puara e as relações, no mínimo ambíguas, entre parte de nossas ancestrais com os homens naquela região. Ainda mais quando damos atenção à origem de um lugar antigo de prostituição em Iguatu chamado rua da palha. Este era lugar de paragem para os caixeiros que passavam por aí.

Em Jucás ou Cariús. Agora, embaralha-me a memória. Mas em um destes dois lugares, todo um sítio arqueológico foi devastado com a construção de um açude. Um homem conseguiu recolher cachimbos de barros e alguns fragmentos de objetos indígenas. Ele é um colecionador motivado pelo desejo de conhecer as próprias raízes indígenas. Atualmente, no Casarão da Memória Viva do Povo Quixelô, encontramos machados de pedra, cachimbos e outros objetos indígenas, tudo emprestado por este homem.

Eu e minhas irmãs sonhamos em responder ao apelo das nossas vozes indígenas silenciadas. Edileuda está se preparando para fazer mestrado em História Oral e está elaborando um projeto de pesquisa sobre memória dos índios Kixelô. Ainda somos apenas vozes sussurrando, mas sabemos: “por toda parte a água sussurrante, a água abundante”. As fontes d’água e as pedras encantadas guardam segredos e promessas a serem ainda realizadas no nosso Sertão indígena.

Tudo isto tem relação com nossa própria origem indígena:

Meu pai, José Santiago de Melo, era negro misturado com índio Kariri, foi retratista e andava pelos lugarejos registrando os grandes momentos da vida de nosso município: batizado, casamento, velório.

Plantava arroz, feijão e milho, pescava e caçava aves aquáticas e tatu, extraía mel de abelhas no mato. Esta era nossa base alimentar. Minha mãe, índia kixelô misturada com europeus, dentro os quais, portugueses, italianos e alemães. Trabalhou na roça, desde os cinco anos de idade, plantando milho, feijão e algodão, para a subsistência da família. Tenho duas irmãs, Edileuda e Edilena, e um irmão Edilberto. Este nos deu um lindo sobrinho, Marcos Vinícius, ele tem nove anos, mas nos ensina muito com suas experiências de vida de curumim: adora pescar, correr pelo mato, conhece dezenas de passarinhos e imita seus cânticos, consegue descrever o curso dos rios da região e nos surpreende com seus conhecimentos de geografia transmitidos pelo avô materno. Este preserva uma rica memória sobre nossos antepassados Kixelô.

Cresci livre, tomando banho de chuva, nadando no rio,

## Anexo 6

subindo em árvores, ouvindo estórias dos vizinhos reunidos nas calçadas sob as estrelas enquanto esperava o vento do Aracati chegar para refrescar o calor do nosso sertão, na Região Centro Sul do Estado do Ceará. Minha infância ficou marcada pela convivência com minha avó materna, adorava as férias escolares, quando podia ficar no Mansinho, lugar de origem de minha mãe, um lugarejo de difícil acesso. Lá, passava mais tempo nas matas com minhas tias, levando e trazendo as ovelhas para se alimentar e beber água, colhendo canapu\*\*, comendo resina em cima de um pé de siriguela, no quintal. Adorava vê minha avó Benevida de cócoras no centro da cozinha de chão batido, cozinhando em um tacho enorme sob três pedras, de onde subia labaredas, que nos aquecia de manhã cedinho, minha avó acordava com o sol nascendo. Mas só tive consciência desses nossos costumes indígenas em 1984, ao me engajar na campanha do “sim”, no plebiscito para emancipação de Quixelô. Nessa campanha, políticos de Iguatu-Ce vieram fazer campanha pelo “não”, e nos tratavam com preconceito devido as nossas origens indígenas, com frases do tipo: “no Quixelô só tem índio, lá não tem ninguém com competência para administrar uma prefeitura”. Isto me provocou a buscar conhecimentos sobre nossa origem indígena, e entrei em contato com a Associação Missão Tremembé, com sede em Fortaleza. Passei a estudar sobre nossa história relacionada aos índios no Ceará. Descobri que nossos ancestrais Kixelô habitaram as atuais cidades de Quixelô, Acopiara, Iguatu, que um grupo foi aldeado em torno da igreja de Santa Ana, em Iguatu-Ce, construída por eles; os tijolos e as telhas eles aprenderam a fazer, na Lagoa da Telha, a partir do conhecimento que tinham de cerâmica. Outro grupo ligado a nossa família ficou em torno da igreja de Bom Jesus Piedoso dos Kixelô, feita por nossos antepassados, minha avó contou isso à minha mãe.

Em 1988 foi convidada por Maria Amélia Leite, que contribui com a visibilidade e organização indígena no Ceará, desde a década de 1980, a participar de um seminário em Fortaleza, feito por pesquisadores do Museu do Índio do Rio de Janeiro. Deste seminário, participaram vários estudantes universitários de Fortaleza interessados na temática indígena, muitos desses, já na Pós-graduação, produziram dissertações e teses, sobre os Tremembé de Almofala, como eu\*\*\*. Em 1989, migrei para Fortaleza em busca de trabalho e formação educacional. Logo que cheguei fui trabalhar com Maria Amélia, ajudando a organizar o arquivo da Associação Missão Tremembé, de 1990 à 1991. Desde então, muitos pesquisadores têm recorrido a este arquivo.

## Anexo 6

Foi ainda nessa época que conheci os Tremembé de Almofala-CE, acompanhando o missionário Florêncio, que continua trabalhando na AMIT, em uma visita, durante 15 dias, à comunidade Tremembé: na área da mata e na área da praia. Confesso que fiquei impressionada com eles, observando-lhes dançarem o Torém, narrarem as histórias dos mais antigos e discutirem sobre a demarcação de suas terras. Voltei para Fortaleza admirando os Tremembé e com uma indagação: como aquele grupo étnico continuava ligado às suas origens e se diferenciando da população regional, depois de uma longa e intensa situação de contatos interétnicos? Questão ligada à minha história de vida e trajetória em Quixelô, esta ligação tornou-se evidente com a ajuda de Miguel Mahfoude, que me orientou durante o Mestrado em Psicologia Social na UFMG, entre 1998 e 2001.

\*Edileusa Santiago do Nascimento: Kixelô, Bolsista do Programa Internacional de Bolsas de Pós-Graduação da Fundação Ford, doutoranda em Psicologia Social da PUCSP. Atualmente, faz doutorado sanduíche no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Pesquisa: "Identidade e memória de habitantes de Fortaleza-Ce originários da comunidade Tremembé de Almofala-Ce: ramos de raízes indígenas em trânsito". [quixelo@yahoo.com.br](mailto:quixelo@yahoo.com.br)

\*\*Canpu: fruto amarelado de uma planta ainda não classificada cientificamente. Antigamente em Quixelô, assim como ainda hoje na aldeia dos Guajajara, na Amazônia, o canapu é coletado na mata, e é uma delícia.

\*\*\* NASCIMENTO, Edileusa Santiago do. Memória coletiva e identidade étnica dos Tremembé de Almofala: os índios da terra da santa de ouro. Belo Horizonte, MG: Psicologia da UFMG, 2001. 158 p. (Dissertação, Mestrado em Psicologia Social).

--- José Augusto Laranjeiras Sampaio  
<[gugasampaio@terra.com.br](mailto:gugasampaio@terra.com.br)> escreveu:

> -----Mensagem original-----  
> De: "Amit" <[aguaim@uol.com.br](mailto:aguaim@uol.com.br)>  
> Data: Quarta, 27 de Fevereiro de 2008 09:24  
> Assunto: [temince] Imformação sobre o povo kariri  
>  
>  
>  
> INFORMAÇÃO SOBRE O POVO KARIRI NO CEARÁ  
>  
>

## Anexo 6

- > O que podemos informar, atualmente, sobre
- > a localização do Povo Kariri no Ceará, sobretudo na
- > região Cariri, é que até o presente momento tem sido
- > muito
- > difícil contar com dados precisos sobre a sua
- > presença. Os Povos Indígenas no Ceará enfrentaram
- > desde os idos da colonização, com muitas
- > dificuldades. Eles existiram
- > e ocuparam vasta área do sertão em todo o nordeste
- > brasileiro. Inclusive aparecem com nomes
- > diversificados e até o presente momento não foram
- > realizados estudos
- > específicos sobre a situação atual.
- >
- > O que sabemos, inclusive visitamos suas
- > famílias no Crato, os conhecidos " Irmãos
- > Aniceto", com sua banda cabaçal. Fui na região onde
- > ainda hoje moram,
- > atrás do Seminário
- > Diocesano, na cidade do Crato, numa serra se não me
- > engano chamada Serra da Batateira.
- >
- > Eles me contaram toda a sua história (se
- > desejarem posso repassa-la oportunamente.
- > É claro que não são identificados como indígenas,
- > eles mesmos dificilmente se apresentam como tal.
- > Foram muito ajudados pelo Sr. Eloy, no Crato, que
- > coordenava
- > um trabalho cultural com significação folclórica.
- > Nunca houve interesse de identifica-los como
- > indígenas - porque com essa identidade não poderiam
- > ser classificados
- > como folclore.
- >
- > Quando estive com eles, em suas casas, há
- > mais de dez anos passados, eles me contaram toda a
- > sua história. E, ainda hoje quando eles falam sobre
- > a banda
- > cabaçal, fica muito clara a sua identidade pois
- > eles se referem à tradição de pais para filhos.
- > Inclusive eles, atualmente, têm uma banda de
- > crianças tocando zabumba.
- >
- > Temos notícia, a partir de um funcionário da
- > antiga SUCAM, de um grupo Kariri na serra do Jardim.
- > Até há algum tempo atrás eles viviam isolados, sem
- > se
- > comunicarem com a cidade, sem estradas. E falando
- > numa língua desconhecida.
- >
- > Uma jovem psicóloga, Edileusa Santiago do
- > Nascimento, originária de Quixelô, na região
- > jaguaribana, cujos pais ainda residem lá.

## Anexo 6

- > Atualmente a Edileuza encontra-se
- > em Coimbra, Portugal, nos estudos de doutorado,
- > através da USP. Através dela poderíamos ter
- > informações daquela região porque ela trabalhou
- > vários anos como professora
- > da Universidade Estadual do Ceará-UECE, em várias
- > cidades e tem essa preocupação com a identificação
- > dos seus parentes. Chegou até a organizar uma
- > equipe de estudantes
- > para um levantamento regional, a partir do Iguatu.
- >
- > Recentemente teve início uma comunicação
- > entre os indígenas localizados em Crateús: Kariri,
- > Kalabaça, Potiguara, Tabajara e Tupinambá, em terras
- > da periferia
- > da cidade, que deram início a uma articulação com
- > indígenas Kariri, Tabajara, na cidade de São
- > Benedito, na região da Ibiapaba. No mapa do Curt
- > Nimuendaju, editado
- > em 1941 e reeditado mais ou menos recentemente,
- > através do IBGE, aparecem inúmeros grupos Kariri
- > nessa região, com nomes diversificados. No entanto
- > esse processo
- > foi e ainda continua sendo muito lento e difícil,
- > por conta do grande preconceito e discriminação,
- > sobretudo a
- > Associação Missão Tremembé
- > Ceará-Nordeste do Brasil
- >
- >
- >
- > partir de 1863 quando a Assembléia Legislativa
- > Provincial, em decreto assinado pelo então
- > Presidente, determinou a extinção dos aldeamentos
- > indígenas no Ceará.
- > Esse decreto nunca foi encontrado mas temos em nosso
- > acervo documental sobre os povos indígenas, a cópia
- > microfilmada do relatório em que se vê essa decisão
- > que
- > vem sendo aproveitada publicamente até hoje, como
- > uma verdade a extinção dos quarenta e dois povos
- > que viviam nessas terras na época da povoação
- > portuguesa, onde
- > hoje se localiza o estado do Ceará.
- >
- > Estive, durante inúmeros anos (criança,
- > adolescência e juventude) passando as férias
- > escolares de fim de ano, no Crato, em Campos Sales,
- > de onde meu pai
- > é originário. Nunca ouvi falar em indígenas.
- > Inclusive ficávamos muitos dias na Batateira, no
- > Lameiro, áreas que foram habitadas por Kariri. Em
- > 1965 estive nessa

## Anexo 6

- > região, na ocasião eu participava de um movimento
- > operário e no Crato foram construídas três fábricas
- > do Projeto Azimow, de uma Universidade americana.
- > Fomos quase
- > expulsos da cidade porque fomos conhecer essas
- > fábricas, era o tempo em que se denunciava como
- > comunistas as pessoas que falassem em trabalhadores,
- > classe operária.
- >
- > Voltei lá nos anos 1988/89 e percebi um medo
- > muito grande por parte das pessoas que se dizem
- > indígenas. Em Nova Olinda tem um trabalho cultural
- > importante,
- > "Casa Grande", conduzido por um casal, Alembegue e
- > Roseana, sobretudo um trabalho com jovens, a partir
- > da comunicação - rádio, tv. São muito conhecidos.
- > Ele,
- > sobretudo toca instrumentos indígenas que ele
- > pesquisa. Também tem uma pesquisa importante,
- > inclusive fotográfica, sobre cavernas, sítios
- > arqueológicos. Não sei
- > se esses sítios estão registrados oficialmente no
- > Instituto do Patrimônio Histórico Artístico
- > Nacional. Há alguns anos mantive contatos pessoais
- > com esse casal e sei
- > que eles têm informação sobre famílias Kariri nessa
- > região.
- >
- > Lamentavelmente essa região, riquíssima em
- > cultura tradicional dos povos indígenas, não dispõe,
- > ainda, de mais dados da situação atual desse Povo,
- > como também
- > a identificação das localidades onde eles ainda
- > sobrevivem. Que eles existem, não temos dúvida.
- > Mas o conservadorismo nessa região é muito grande e
- > conseqüentemente
- > o medo ainda continua forte entre as famílias
- > sobreviventes.
- >
- > Além do famoso decreto de 1863, aconteceu no
- > período de mais ou menos cem anos, de 1620 a 1720, a
- > chamada "guerra dos bárbaros", que foi a resistência
- > indígena
- > organizada, que somente foi combatida e vencida
- > quando os "paulistas" se encarregaram desse
- > trabalho.
- > O medo resultando dessa guerra que teve um final de
- > muito sangue e mortes, tanto do lado do Ceará/Rio
- > Grande do Norte/Paraíba, como do lado do
- > Ceará/Piauí. Os povos
- > indígenas foram vencidos mas não deixaram de existir
- > e hoje já são 17 povos indígenas no Ceará.
- >

## Anexo 6

> É o que podem os informar.

>

>

>

> Fortaleza, 27 de fevereiro de 2008

>

>

> \_\_\_\_\_

>

> Secretária Geral da Associação Missão Tremembé

Fortaleza, 28 de fevereiro de 2008

Ofício 60/ 2008  
Ilmo(a). Sr(a).  
Marilia Gouveia Ferreira Lima  
Secretaria das Cidades  
Programas Cidades do Ceará

## **INFORMAÇÃO SOBRE O POVO KARIRI NO CEARÁ**

O que podemos informar, atualmente, sobre a localização do Povo Kariri no Ceará, sobretudo na região Cariri, é que até o presente momento tem sido muito difícil contar com dados precisos sobre a sua presença. Os Povos Indígenas no Ceará enfrentaram desde o início da colonização, com muitas dificuldades. Eles existiram e ocuparam vasta área do sertão em todo o nordeste brasileiro. Inclusive aparecem com nomes diversificados e até o presente momento não foram realizados estudos específicos sobre a situação atual.

O que sabemos, inclusive visitamos suas famílias no Crato, os conhecidos “Irmãos Aniceto”, com sua banda cabaçal. Fui na região onde ainda hoje moram, atrás do Seminário Diocesano, na cidade do Crato, numa serra se não me engano chamada Serra da Batateira.

Eles contaram toda a sua história para a missionária Maria Amélia Leite da AMIT (se desejarem posso repassa-la oportunamente). É claro que não são identificados como indígenas, eles mesmos dificilmente se apresentam como tal. Foram muito ajudados pelo Sr. Eloy, no Crato, que coordenava um trabalho cultural com significação folclórica. Nunca houve interesse de identifica-los como indígenas – porque com essa identidade não poderiam ser classificados como folclore.

Quando estive com eles, em suas casas, há mais de dez anos passados, eles contaram toda a sua história. E, ainda hoje quando eles falam sobre a banda cabaçal, fica muito clara a sua identidade pois eles se referem à tradição de pais para filhos. Inclusive eles, atualmente, têm uma banda de crianças tocando zabumba.

Temos notícia, a partir de um funcionário da antiga SUCAM, de um grupo Kariri na serra do Jardim. Até há algum tempo atrás eles viviam isolados, sem se comunicarem com a cidade, sem estradas. E falando numa língua desconhecida.

Uma jovem psicóloga, Edileusa Santiago do Nascimento, originária de Quixelô, na região jaguaribana, cujos pais ainda residem lá. Atualmente a Edileusa encontra-se em Coimbra, Portugal, nos estudos de doutorado, através da USP. Através dela poderíamos ter informações daquela região porque ela trabalhou vários anos como professora da Universidade Estadual do Ceará-UECE, em várias cidades e tem essa preocupação com a identificação dos seus parentes. Chegou até a organizar uma equipe de estudantes para um levantamento regional, a partir do Iguatu.

Recentemente teve início uma comunicação entre os indígenas localizados em Crateús: Kariri, Kalabaça, Potiguara, Tabajara e Tupinambá, em terras da periferia da cidade, que deram início a uma articulação com indígenas Kariri, Tabajara, na cidade de São Benedito, na região da Ibiapaba. No mapa do Curt Nimuendaju, editado em 1941 e reeditado mais ou menos recentemente, através do IBGE, aparecem inúmeros grupos Kariri nessa região, com nomes diversificados. No entanto esse processo foi e ainda continua sendo muito lento e difícil, por conta do grande preconceito e discriminação, sobretudo a

partir de 1863 quando a Assembléia Legislativa Provincial, em decreto assinado pelo então Presidente, determinou a extinção dos aldeamentos indígenas no Ceará. Esse decreto nunca foi encontrado mas temos em nosso acervo documental sobre os povos indígenas, a cópia microfilmada do relatório em que se vê essa decisão que vem sendo aproveitada publicamente até hoje, como uma verdade a extinção dos quarenta e dois povos que viviam nessas terras na época da povoação portuguesa, onde hoje se localiza o estado do Ceará.

Estive, durante inúmeros anos (criança, adolescência e juventude) passando as férias escolares de fim de ano, no Crato, em Campos Sales, de onde meu pai é originário. Nunca ouvi falar em indígenas. Inclusive ficávamos muitos dias na Batateira, no Lameiro, áreas que foram habitadas por Kariri. Em 1965 estive nessa região, na ocasião eu participava de um movimento operário e no Crato foram construídas três fábricas do Projeto Azimow, de uma Universidade americana. Fomos quase expulsos da cidade porque fomos conhecer essas fábricas, era o tempo em que se denunciava como comunistas as pessoas que falassem em trabalhadores, classe operária.

Voltei lá nos anos 1988/89 e percebi um medo muito grande por parte das pessoas que se dizem indígenas. Em Nova Olinda tem um trabalho cultural importante, “Casa Grande”, conduzido por um casal, Aembergue e Roseana, sobretudo um trabalho com jovens, a partir da comunicação – rádio, tv. São muito conhecidos. Ele, sobretudo toca instrumentos indígenas que ele pesquisa. Também tem uma pesquisa importante, inclusive fotográfica, sobre cavernas, sítios arqueológicos. Não sei se esses sítios estão registrados oficialmente no Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional. Há alguns anos mantive contatos pessoais com esse casal e sei que eles têm informação sobre famílias Kariri nessa região.

Lamentavelmente essa região, riquíssima em cultura tradicional dos povos indígenas, não dispõe, ainda, de mais dados da situação atual desse Povo, como também a identificação das localidades onde eles ainda sobrevivem. Que eles existem, não temos dúvida. Mas o conservadorismo nessa região é muito grande e conseqüentemente o medo ainda continua forte entre as famílias sobreviventes.

Além do famoso decreto de 1863, aconteceu no período de mais ou menos cem anos, de 1620 a 1720, a chamada “guerra dos bárbaros”, que foi a resistência indígena organizada, que somente foi combatida e vencida quando os “paulistas” se encarregaram desse trabalho. O medo resultando dessa guerra que teve um final de muito sangue e mortes, tanto do lado do Ceará/Rio Grande do Norte/Paraíba, como do lado do Ceará/Piauí. Os povos indígenas foram vencidos mas não deixaram de existir e hoje já são 17 povos indígenas no Ceará.

É o que podem os informar.

Fernando Marciano Santos  
Coordenador de Projetos Indigenas